

DOMINGO IV DA PÁSCOA

CIC 754, 764, 2665: Cristo, pastor das ovelhas e porta do redil

754 «Assim a Igreja é o *redil*, cuja única e necessária porta é Cristo¹. E também o rebanho, do qual o próprio Deus predisse que seria o pastor², e cujas ovelhas, ainda que governadas por pastores humanos, são contudo guiadas e alimentadas sem cessar pelo próprio Cristo, bom Pastor e Príncipe dos pastores³, o qual deu a vida pelas suas ovelhas⁴»⁵.

764 «Este Reino manifesta-se aos homens na palavra, nas obras e na presença de Cristo»⁶. Acolher a palavra de Jesus é «acolher o próprio Reino»⁷. O germe e começo do Reino é o «pequeno rebanho» (*Lc 12, 32*) daqueles que Jesus veio congregar ao seu redor e dos quais Ele próprio é o Pastor⁸. Eles constituem a verdadeira família de Jesus⁹. Àqueles que assim juntou em redor de Si, ensinou uma nova «maneira de agir», mas também uma oração própria¹⁰.

2665 A oração da Igreja, alimentada pela Palavra de Deus e pela celebração da liturgia, ensina-nos a orar ao Senhor Jesus. Mesmo sendo dirigida sobretudo ao Pai, ela inclui, em todas as tradições litúrgicas, formas de oração dirigidas a Cristo. Certos salmos, segundo a sua actualização na oração da Igreja, e o Novo Testamento, colocam nos nossos lábios e gravam nos nossos corações as invocações desta oração a Cristo: Filho de Deus, Verbo de Deus, Senhor, Salvador, Cordeiro de Deus, Rei, Filho muito amado, Filho da Virgem, Bom Pastor, nossa Vida, nossa Luz, nossa Esperança, nossa Ressurreição, Amigo dos homens...

CIC 553, 857, 861, 881, 896, 1558, 1561, 1568, 1574: o Papa e os bispos como pastores

553 Jesus confiou a Pedro uma autoridade específica: «Dar-te-ei as chaves do Reino dos céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos céus; tudo o que desligares na terra será desligado nos céus» (*Mt 16, 19*). O «poder das chaves» designa a autoridade para governar a Casa de Deus, que é a Igreja. Jesus, o «bom Pastor» (*Jo 10, 11*), confirmou este cargo depois da sua ressurreição: «Apascenta as minhas ovelhas» (*Jo 21, 15-17*). O poder de «ligar e desligar»

¹ Cf. *Jo 10, 1-10*.

² Cf. *Is 40, 11; Ez 34, 11-31*.

³ Cf. *Jo 10, 11; Ez 34, 11-31*.

⁴ Cf. *Jo 10, 11-15*.

⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 6: AAS 57 (1965) 8.

⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 5: AAS 57 (1965) 7.

⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 5: AAS 57 (1965) 7.

⁸ Cf. *Mt 10, 16; 26, 31; Jo 10, 1-21*.

⁹ Cf. *Mt 12, 49*.

¹⁰ Cf. *Mt 5-6*.

significa a autoridade para absolver os pecados, pronunciar juízos doutrinários e tomar decisões disciplinares na Igreja. Jesus confiou esta autoridade à Igreja pelo ministério dos Apóstolos¹¹, e particularmente pelo de Pedro, o único a quem confiou explicitamente as chaves do Reino.

857 A Igreja é apostólica, porque está fundada sobre os Apóstolos. E isso em três sentidos:

- foi e continua a ser construída sobre o «alicerce dos Apóstolos» (*Ef 2, 20*¹²), testemunhas escolhidas e enviadas em missão pelo próprio Cristo¹³;
- guarda e transmite, com a ajuda do Espírito Santo que nela habita, a doutrina¹⁴, o bom depósito, as sãs palavras recebidas dos Apóstolos¹⁵;
- continua a ser ensinada, santificada e dirigida pelos Apóstolos até ao regresso de Cristo, graças àqueles que lhes sucedem no ofício pastoral: o colégio dos bispos, «assistido pelos presbíteros, em união com o sucessor de Pedro, pastor supremo da Igreja»¹⁶:

«Pastor eterno, não abandonais o vosso rebanho, mas sempre o guardais e protegeis por meio dos santos Apóstolos, para que seja conduzido através dos tempos, pelos mesmos chefes que pusestes à sua frente como representantes do vosso Filho, Jesus Cristo»¹⁷.

861 «Para que a missão que lhes fora confiada pudesse ser continuada depois da sua morte, os Apóstolos, como que por testamento, mandataram os seus cooperadores imediatos para levarem a cabo a sua tarefa e consolidarem a obra por eles começada, encomendando-lhes a guarda do rebanho em que o Espírito Santo os tinha instituído para apascentar a Igreja de Deus. Assim, instituíram homens nestas condições e tudo dispuseram para que, após a sua morte, outros homens provados tomassem conta do seu ministério»¹⁸.

881 Foi só de Simão, a quem deu o nome de Pedro, que o Senhor fez a pedra da sua Igreja. Confiou-lhe as chaves desta¹⁹ e instituiu-o pastor de todo o rebanho²⁰. «Mas o múnus de ligar e desligar, que foi dado a Pedro, também foi dado, sem dúvida alguma, ao colégio dos Apóstolos unidos ao seu chefe»²¹. Este múnus pastoral de Pedro e dos outros apóstolos pertence aos fundamentos da Igreja e é continuado pelos bispos sob o primado do Papa.

896 O Bom Pastor há-de ser o modelo e a «forma» do múnus pastoral do bispo. Consciente das suas fraquezas, «o bispo pode mostrar-se indulgente para com os ignorantes e os transviados. Não se furte a atender os que de si dependem,

¹¹ Cf. *Mt 18, 18*.

¹² Cf. *Ap 21, 14*.

¹³ Cf. *Mt 28, 16-20; Act 1, 8; 1 Cor 9, 1; 15, 7-8; Gl 1, 1*; etc.

¹⁴ Cf. *Act 2, 42*.

¹⁵ Cf. *2 Tm 1, 13-14*.

¹⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 5: AAS 58 (1966) 952.

¹⁷ *Prefácio dos Apóstolos I: Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 426 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, p. 493].

¹⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 20: AAS 57 (1965) 23; cf. SÃO CLEMENTE ROMANO, *Epistula ad Corinthios*, 42, 4: SC 167, 168-170 (FUNK, 1, 152); *Ibid*, 44, 2: SC 167, 172 (FUNK, 1, 154-156).

¹⁹ Cf. *Mt 16, 18-19*.

²⁰ Cf. *Jo 21, 15-17*.

²¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 22: AAS 57 (1965) 26.

rodeando-os de carinho, como a verdadeiros filhos [...]. Quanto aos fiéis, devem viver unidos ao seu bispo como a Igreja a Jesus Cristo e Jesus Cristo ao Pai»²².

«Segui todos o bispo, como Jesus Cristo o Pai; e o presbitério como se fossem os Apóstolos; quanto aos diáconos, respeitai-os como à lei de Deus. Ninguém faça, à margem do bispo, nada do que diga respeito à Igreja»²³.

1558 «A consagração episcopal, juntamente com a função de santificar, confere também as funções de ensinar e governar [...] De facto, pela imposição das mãos e pelas palavras da consagração, a graça do Espírito Santo é dada e é impresso o carácter sagrado, de tal modo que os bispos fazem as vezes, de uma forma eminente e visível, do próprio Cristo, Mestre, Pastor e Pontífice, e actuam em vez d'Ele [*«in Eius persona agent»*]

»²⁴. Por isso, pelo Espírito Santo que lhes foi dado, os bispos foram constituídos verdadeiros e autênticos mestres da fé, pontífices e pastores»²⁵.

1561 Tudo o que acaba de ser dito explica porque é que a Eucaristia celebrada pelo bispo tem uma significação muito especial como expressão da Igreja reunida em torno do altar sob a presidência daquele que representa visivelmente Cristo, bom Pastor e Cabeça da sua Igreja²⁶.

1568 «Os presbíteros, elevados pela ordenação à Ordem do presbiterado, estão unidos entre si numa íntima fraternidade sacramental. Especialmente na diocese, a cujo serviço, sob o bispo respectivo, estão consagrados, formam um só presbitério»²⁷. A unidade do presbitério tem uma expressão litúrgica no costume segundo o qual, durante o rito da ordenação presbiteral, os presbíteros impõem também eles as mãos, depois do bispo.

1574 Como em todos os sacramentos, ritos anexos envolvem a celebração. Variando muito nas diversas tradições litúrgicas, têm todos um traço comum: exprimem os múltiplos aspectos da graça sacramental. Assim, os ritos iniciais, no rito latino – a apresentação e a eleição do ordinando, a alocação do bispo, o interrogatório do ordinando, as ladainhas dos santos – atestam que a escolha do candidato se fez em conformidade com o costume da Igreja e preparam o acto solene da consagração depois da qual vários ritos vêm exprimir e completar, de modo simbólico, o mistério realizado: para o bispo e para o sacerdote, a unção com o santo crisma, sinal da unção especial do Espírito Santo, que torna fecundo o seu ministério; entrega do livro dos Evangelhos, do anel, da mitra e do báculo ao bispo, em sinal da sua missão apostólica de anunciar a Palavra de Deus, da sua fidelidade à Igreja, esposa de Cristo, do seu múnus de pastor do rebanho do Senhor; para o presbítero, entrega da patena e do cálice, «a oferenda do povo santo»²⁸ que ele é chamado a apresentar a Deus; para o diácono, entrega do

²² II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 27: AAS 57 (1965) 33.

²³ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Smyrnaeos* 8, 1: SC 10bis, 138 (FUNK 1, 282).

²⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 21: AAS 57 (1965) 25.

²⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Christus Dominus*, 2: AAS 58 (1966) 674.

²⁶ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 41: AAS 56 (1964) 111; ID., Const. dogm. *Lumen Gentium*, 26: AAS 57 (1965) 31-32.

²⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Presbyterorum ordinis*, 8: AAS 58 (1966) 1003.

²⁸ Cf. *Pontificale Romanum. De Ordinatione Episcopi, presbyterorum et diaconorum, De Ordinatione presbyterorum. Traditio panis et vini*, 163, editio typica altera (Typis Polyglottis Vaticanis 1990) p. 95 [*Ordenação do Bispo, dos presbíteros e dos diáconos, Entrega do pão e do vinho*, 163 (Coimbra, Gráfica de Coimbra – Conferência Episcopal Portuguesa, 1992) p. 107].

livro dos Evangelhos, pois acaba de receber a missão de anunciar o Evangelho de Cristo.

CIC 874, 1120, 1465, 1536, 1548-1551, 1564, 2179, 2686: os presbíteros como pastores

874 A fonte do ministério na Igreja é o próprio Cristo. Foi Ele que o instituiu e lhe deu autoridade e missão, orientação e finalidade.

«Cristo Senhor, para apascentar e aumentar continuamente o povo de Deus, instituiu na sua Igreja vários ministérios, para bem de todo o Corpo. Com efeito, os ministros que estão dotados do poder sagrado estão ao serviço dos seus irmãos, para que todos quantos pertencem ao povo de Deus [...] alcancem a salvação»²⁹.

1120 O ministério ordenado ou sacerdócio *ministerial*³⁰ está ao serviço do sacerdócio baptismal. Ele garante que, nos sacramentos, é de certeza Cristo que age pelo Espírito Santo em favor da Igreja. A missão de salvação, confiada pelo Pai ao seu Filho encarnado, é confiada aos Apóstolos e, por eles, aos seus sucessores; eles recebem o Espírito de Jesus para agirem em seu nome e na sua pessoa³¹. Assim, o ministro ordenado é o laço sacramental que une a acção litúrgica àquilo que disseram e fizeram os Apóstolos e, por eles, ao que disse e fez o próprio Cristo, fonte e fundamento dos sacramentos.

1465 Ao celebrar o sacramento da Penitência, o sacerdote exerce o ministério do bom Pastor que procura a ovelha perdida; do bom Samaritano que cura as feridas; do Pai que espera pelo filho pródigo e o acolhe no seu regresso; do justo juiz que não faz acepção de pessoas e cujo juízo é, ao mesmo tempo, justo e misericordioso. Em resumo, o sacerdote é sinal e instrumento do amor misericordioso de Deus para com o pecador.

1536 A Ordem é o sacramento graças ao qual a missão confiada por Cristo aos Apóstolos continua a ser exercida na Igreja, até ao fim dos tempos; é, portanto, o sacramento do ministério apostólico. E compreende três graus: o episcopado, o presbiterado e o diaconado.

[Sobre a instituição e a missão do ministério apostólico por Cristo, ver números 874-896. Aqui apenas se trata da via sacramental pela qual se transmite este ministério].

1548 No serviço eclesial do ministro ordenado, é o próprio Cristo que está presente à sua Igreja, como Cabeça do seu corpo, Pastor do seu rebanho, Sumo-Sacerdote do sacrifício redentor, mestre da verdade. É o que a Igreja exprime quando diz que o padre, em virtude do sacramento da Ordem, age *in persona Christi Capitis* – na pessoa de Cristo Cabeça³²:

«É o mesmo Sacerdote, Jesus Cristo, de quem realmente o ministro faz as vezes. Se realmente o ministro é assimilado ao Sumo-Sacerdote, em virtude da consagração

²⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 18: AAS 57 (1965) 21-22.

³⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 14: AAS 57 (1965) 14.

³¹ Cf. *Jo* 20, 21-23; *Lc* 24, 47; *Mt* 28, 18-20.

³² Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 10: AAS 57 (1965) 14; *Ibid.*, 28: AAS 57 (1965) 34; *Id.*, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 33: AAS 56 (1964) 108; *Id.*, Decr. *Christus Dominus*, 11: AAS 58 (1966) 677; *Id.*, Decr. *Presbyterorum ordinis*, 2: AAS 58 (1966) 992; *Ibid.*, 6: AAS 58 (1966) 999.

sacerdotal que recebeu, goza do direito de agir pelo poder do próprio Cristo que representa [virtute ac persona ipsius Christi]»³³.

«Cristo é a fonte de todo o sacerdócio: pois o sacerdócio da [antiga] lei era figura d'Ele, ao passo que o sacerdote da nova lei age na pessoa d'Ele»³⁴.

- 1549** Pelo ministério ordenado, especialmente dos bispos e padres, a presença de Cristo como cabeça da Igreja torna-se visível no meio da comunidade dos crentes³⁵. Segundo a bela expressão de Santo Inácio de Antioquia, o bispo é *týpos toû Patrós*, como que a imagem viva de Deus Pai³⁶.
- 1550** Esta presença de Cristo no seu ministro não deve ser entendida como se este estivesse premunido contra todas as fraquezas humanas, contra o afã de domínio, contra os erros, isto é, contra o pecado. A força do Espírito Santo não garante do mesmo modo todos os actos do ministro. Enquanto que nos sacramentos esta garantia é dada, de maneira que nem mesmo o pecado do ministro pode impedir o fruto da graça, há muitos outros actos em que a condição humana do ministro deixa vestígios, que nem sempre são sinal de fidelidade ao Evangelho e podem, por conseguinte, prejudicar a fecundidade apostólica da Igreja.
- 1551** Este sacerdócio é *ministerial*. «O encargo que o Senhor confiou aos pastores do seu Povo é um verdadeiro *serviço*»³⁷. Refere-se inteiramente a Cristo e aos homens. Depende inteiramente de Cristo e do seu sacerdócio único, e foi instituído em favor dos homens e da comunidade da Igreja. O sacramento da Ordem comunica «um poder sagrado», que não é senão o de Cristo. O exercício desta autoridade deve, pois, regular-se pelo modelo de Cristo, que por amor Se fez o último e servo de todos³⁸. «O Senhor disse claramente que o cuidado dispensado ao seu rebanho seria uma prova de amor para com Ele»³⁹.
- 1564** «Os presbíteros, embora não possuam o pontificado supremo e dependam dos bispos no exercício do próprio poder, todavia estão-lhes unidos na honra do sacerdócio; e, por virtude do sacramento da Ordem, são consagrados, à imagem de Cristo, sumo e eterno sacerdote⁴⁰, para pregar o Evangelho, ser pastores dos fiéis e celebrar o culto divino *como verdadeiros sacerdotes do Novo Testamento*⁴¹.
- 2179** «A *paróquia* é uma certa comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, cuja cura pastoral, sob a autoridade do bispo diocesano, está confiada ao pároco, como a seu pastor próprio»⁴². É o lugar onde todos os fiéis podem reunir-se para a celebração dominical da Eucaristia. A paróquia inicia o povo cristão na expressão ordinária da vida litúrgica e reúne-o nesta celebração;

³³ PIO XII, Enc. *Mediator Dei*: AAS 39 (1947) 548.

³⁴ «Christus est fons totius sacerdotii: nam sacerdos legalis erat figura ipsius, sacerdos autem novae legis in persona ipsius operatur»: SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, 3, q. 22, a. 4, c: Ed. Leon. 11, 260.

³⁵ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 21: AAS 57 (1965) 24.

³⁶ Cf. SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Trallianos* 3, 1: SC 10bis, 96 (FUNK 1, 244); Id., *Epistula ad Magnesios* 6, 1: SC 10bis, 84 (FUNK 1, 234).

³⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 24: AAS 57 (1965) 29.

³⁸ Cf. *Mc* 10, 43-45; *1 Pe* 5, 3.

³⁹ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *De sacerdotio* 2, 4: SC 272, 118 (PG 48, 635); cf. *Jo* 21, 15-17.

⁴⁰ Cf. *Heb* 5, 1-10; 7, 24; 9, 11-28.

⁴¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 28: AAS 57 (1965) 34.

⁴² CIC can. 515, § 1.

ensina a doutrina salvífica de Cristo; e pratica a caridade do Senhor em obras boas e fraternas⁴³:

«Podes também rezar em tua casa; mas não podes rezar aí como na igreja, onde muitos se reúnem, onde o grito é lançado a Deus de um só coração.[...] Há lá qualquer coisa mais: a união dos espíritos, a harmonia das almas, o laço da caridade, as orações dos sacerdotes»⁴⁴.

2686 Os *ministros ordenados* são também responsáveis pela formação na oração dos seus irmãos e irmãs em Cristo. Servos do Bom Pastor, são ordenados para guiar o povo de Deus até às fontes vivas da oração: a Palavra de Deus, a Liturgia, a vida teologal, o «hoje» de Deus nas situações concretas⁴⁵.

CIC 60, 442, 543, 674, 724, 755, 775, 781: a Igreja é feita de hebreus e gentios

60 O povo descendente de Abraão será o depositário da promessa feita aos patriarcas, o povo eleito⁴⁶, chamado a preparar a reunião, um dia, de todos os filhos de Deus na unidade da Igreja⁴⁷. Será o tronco em que serão enxertados os pagãos tornados crentes⁴⁸.

442 Mas não é este o caso de Pedro, quando confessa Jesus como «Cristo, o Filho de Deus vivo»⁴⁹, porque Jesus responde-lhe solenemente: «não foram a carne nem o sangue que to *revelaram*, mas sim *o meu Pai* que está nos céus» (Mt. 16, 17). De igual modo, Paulo dirá, a propósito da sua conversão no caminho de Damasco: «Quando aprovou a Deus – que me escolheu desde o seio de minha mãe e me chamou pela sua graça – revelar o seu Filho em mim, para que O anuncie como Evangelho aos gentios» (Gl 1, 15-16). «E logo começou a proclamar nas sinagogas que Jesus era o Filho de Deus...» (Act 9, 20). Será este, desde o princípio⁵⁰, o núcleo da fé apostólica⁵¹, primeiramente professada por Pedro como fundamento da Igreja⁵².

543 *Todos os homens* são chamados a entrar no Reino. Anunciado primeiro aos filhos de Israel⁵³, este Reino messiânico é destinado a acolher os homens de todas as nações⁵⁴. Para lhe ter acesso, é preciso acolher a Palavra de Jesus:

«A Palavra do Senhor compara-se à semente lançada ao campo: aqueles que a ouvem com fé e entram a fazer parte do pequeno rebanho de Cristo, já receberam o Reino; depois, por força própria, a semente germina e cresce até ao tempo da messe»⁵⁵.

⁴³ Cf. JOÃO PAULO II, Ex. ap. *Christifideles laici*, 26: AAS 81 (1989) 437-440.

⁴⁴ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *De incomprehensibili Dei natura seu contra Anomeos*, 3, 6: SC 28bis, 218 (PL 48, 725).

⁴⁵ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Presbyterorum ordinis*, 4-6: AAS 58 (1966) 995-1001.

⁴⁶ Cf. *Rm* 11, 28.

⁴⁷ Cf. *Jo* 11, 52; 10, 16.

⁴⁸ Cf. *Rm* 11, 17-18. 24.

⁴⁹ Cf. *Mt* 16, 16.

⁵⁰ Cf. *I Ts* 1, 10.

⁵¹ Cf. *Jo* 20, 31.

⁵² Cf. *Mt* 16, 18.

⁵³ Cf. *Mt* 10, 5-7.

⁵⁴ Cf. *Mt* 8, 11; 28, 19.

⁵⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 5: AAS 57 (1965) 7.

- 674** A vinda do Messias glorioso está pendente, a todo o momento da história⁵⁶, do seu reconhecimento por «todo o Israel»⁵⁷, do qual «uma parte se endureceu»⁵⁸ na «incredulidade» (*Rm* 11, 20) em relação a Jesus. É Pedro quem diz aos judeus de Jerusalém, após o Pentecostes: «Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que os pecados vos sejam perdoados. Assim, o Senhor fará que venham os tempos de alívio e vos mandará o Messias Jesus, que de antemão vos foi destinado. O céu tem de O conservar até à altura da restauração universal, que Deus anunciou pela boca dos seus santos profetas de outrora» (*Act* 3, 19-21). E Paulo faz-se eco destas palavras: «Se da sua rejeição resultou a reconciliação do mundo, o que será a sua reintegração senão uma ressurreição de entre os mortos?» (*Rm* 11, 15). A entrada da totalidade dos judeus⁵⁹ na salvação messiânica, a seguir à «conversão total dos pagãos»⁶⁰, dará ao povo de Deus ocasião de «realizar a plenitude de Cristo» (*Ef* 4, 13), na qual «Deus será tudo em todos» (*1 Cor* 15, 2).
- 724** Em Maria, o Espírito Santo *manifesta* o Filho do Pai feito Filho da Virgem. Ela é a sarça ardente da teofania definitiva: cheia do Espírito Santo, mostra o Verbo na humildade da sua carne; e é aos pobres⁶¹ e às primícias das nações⁶² que Ela O dá a conhecer.
- 755** «A Igreja é a *agricultura* ou o campo de Deus⁶³. Nesse campo cresce a oliveira antiga, de que os patriarcas foram a raiz santa e na qual se realizou e realizará a reconciliação de judeus e gentios⁶⁴. Ela foi plantada pelo celeste Agricultor como uma vinha eleita⁶⁵. A verdadeira Videira é Cristo: é Ele que dá vida e fecundidade aos sarmentos, isto é, a nós que, pela Igreja, permanecemos n'Ele, e sem o Qual nada podemos fazer⁶⁶,⁶⁷.
- 775** «A Igreja em Cristo é como que o sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano»⁶⁸. Ser sacramento da *união íntima do homem com Deus*, eis a primeira finalidade da Igreja. E porque a comunhão dos homens entre si radica na união com Deus, a Igreja é, também, o sacramento da *unidade do género humano*. Nela, esta unidade já começou, pois reúne homens «de toda a nação, raça, povo e língua» (*Ap* 7, 9). A Igreja é, ao mesmo tempo, «sinal e instrumento» da plena realização desta unidade, que ainda há-de vir.
- 781** «Em todos os tempos e em todas as nações foi agradável a Deus aquele que O teme e pratica a justiça. No entanto, aprouve a Deus salvar e santificar os homens não individualmente, excluía qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse na santidade. Foi por isso

⁵⁶ Cf. *Rm* 11, 31.

⁵⁷ Cf. *Rm* 11, 26; *Mt* 23, 39.

⁵⁸ Cf. *Rm* 11, 25.

⁵⁹ Cf. *Rm* 11, 12.

⁶⁰ Cf. *Rm* 11, 25; *Lc* 21, 24.

⁶¹ Cf. *Lc* 2, 15-19.

⁶² Cf. *Mt* 2, 11.

⁶³ Cf. *1 Cor* 3, 9.

⁶⁴ Cf. *Rm* 11, 13-26.

⁶⁵ Cf. *Mt* 21, 33-43 e par.; *Is* 5, 1-7.

⁶⁶ Cf. *Jo* 15, 1-5.

⁶⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 6: AAS 57 (1965) 8.

⁶⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 1: AAS 57 (1965) 5.

que escolheu Israel para ser o seu povo, estabeleceu com ele uma aliança e instruiu-o progressivamente [...]. Mas tudo isso aconteceu como preparação da Aliança nova e perfeita, que seria concluída em Cristo [...]. Esta nova Aliança instituiu-a Cristo no seu Sangue, chamando um povo, proveniente de judeus e pagãos, a juntar-se na unidade, não segundo a carne, mas no Espírito»⁶⁹.

CIC 957, 1138, 1173, 2473-2474: a comunhão com os mártires

957 *A comunhão com os santos.* «Não é só por causa do seu exemplo que veneramos a memória dos bem-aventurados, mas ainda mais para que a união de toda a Igreja no Espírito aumente com o exercício da caridade fraterna. Pois, assim como a comunhão cristã entre os cristãos ainda peregrinos nos aproxima mais de Cristo, assim também a comunhão com os santos nos une a Cristo, de quem procedem, como de fonte e Cabeça, toda a graça e a própria vida do povo de Deus»⁷⁰.

«A Cristo, nós O adoramos, porque Ele é o Filho de Deus; quanto aos mártires, nós os amamos como a discípulos e imitadores do Senhor; e isso é justo, por causa da sua devoção incomparável para com o seu rei e mestre. Assim nós possamos também ser seus companheiros e condiscípulos!»⁷¹.

1138 «Recapitulados» em Cristo, tomam parte no serviço do louvor de Deus e na realização do seu desígnio: os Poderes celestes⁷², toda a criação (os quatro viventes), os servidores da Antiga e da Nova Aliança (os vinte e quatro anciãos), o novo povo de Deus (os cento e quarenta e quatro mil)⁷³, em particular os mártires, «degolados por causa da Palavra de Deus» (*Ap* 6, 9-11) e a santíssima Mãe de Deus (a Mulher⁷⁴; a Esposa do Cordeiro⁷⁵) enfim, «uma numerosa multidão que ninguém podia contar e provinda de todas as nações, tribos, povos e línguas» (*Ap* 7, 9).

1173 Quando a Igreja, no ciclo anual, faz memória dos mártires e dos outros santos, «proclama o mistério pascal» realizado naqueles homens e mulheres que «sofreram com Cristo e com Ele foram glorificados, propõe aos fiéis os seus exemplos, que a todos atraem ao Pai por Cristo, e implora, pelos seus méritos, os benefícios de Deus»⁷⁶.

2473 O *martírio* é o supremo testemunho dado em favor da verdade da fé; designa um testemunho que vai até à morte. O mártir dá testemunho de Cristo, morto e ressuscitado, ao qual está unido pela caridade. Dá testemunho da verdade da

⁶⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 9: AAS 57 (1965) 12-13.

⁷⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 50: AAS 57 (1965) 56.

⁷¹ *Martyrium sancti Polycarpi* 17, 3: SC 10bis, 232 (FUNK 1, 336).

⁷² Cf. *Ap* 4-5; *Is* 6, 2-3.

⁷³ Cf. *Ap* 7, 1-8; 14, 1.

⁷⁴ Cf. *Ap* 12.

⁷⁵ Cf. *Ap* 21, 9.

⁷⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 104: AAS 56 (1964) 126; cf. *Ibid.*, 108: AAS 56 (1964) 126 e *Ibid.*, 111: AAS 56 (1964) 127.

fé e da doutrina cristã. Suporta a morte com um acto de fortaleza. «Deixai-me ser pasto das feras, pelas quais poderei chegar à posse de Deus»⁷⁷.

2474 A Igreja recolheu com o maior cuidado as memórias daqueles que foram até ao fim na confissão da sua fé. São as Actas dos Mártires, as quais constituem os arquivos da verdade escritos com letras de sangue:

«De nada me serviriam os atractivos do mundo ou os reinos deste século. Prefiro morrer em Cristo Jesus a reinar sobre todos os confins da terra. Procuo Aquele que morreu por nós; quero Aquele que ressuscitou por nossa causa. Estou prestes a nascer...»⁷⁸.

«Eu Te bendigo por me teres julgado digno deste dia e desta hora, digno de ser contado no número dos teus mártires [...]. Tu cumpriste a tua promessa, Deus da fidelidade e da verdade. Por esta graça e por tudo, eu Te louvo e Te bendigo; eu Te glorifico pelo eterno e celeste Sumo-Sacerdote Jesus Cristo, Teu Filho muito-amado. Por Ele, que está contigo e com o Espírito, glória a Ti, agora e pelos séculos sem fim. Ámen»⁷⁹.

⁷⁷ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Romanos*, 4, 1: SC 10bis, p. 110 (FUNK, 1, 256).

⁷⁸ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Romanos*, 6, 1: SC 10bis, p. 114 (FUNK, 1, 258-260).

⁷⁹ *Martyrium Polycarpi*, 14, 2-3: SC 10bis, p. 228 (FUNK 1, 330-332).